

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira,
E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00
Assinatura anual 30\$00

ANO XXIII

AGOSTO DE 1962

N.º 191

“Vem e Segue-me”

A. Casaca

Acabara Jesus de abençoar as criancinhas que as mães confiantes e sorridentes lhe apresentavam, quando se dirigiu para Ele um jovem, rico, influente e ansioso por conhecer a verdade, que lhe expôs a situação angustiada do seu espírito.

Aquele jovem, rico, como era, já herdado e dispondo de grande prestígio, parece que procurava outros bens muito diferentes dos terrenos, que, de certo, ele conhecia serem perecíveis.

Por isso formulou a pergunta que traduz a grande ansiedade da sua vida: «Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?».

«O jovem que fez essa pergunta era de nobre ascendência. Tinha grandes haveres e ocupava posição de responsabilidade. Vira o amor que Jesus manifestava para com as crianças que lhe haviam sido levadas; viu como as recebera tão ternamente e as tomara nos braços, pelo que o coração se enchera de amor para com o Salvador. Sentiu, por isso, o desejo de ser seu discípulo. Sentiu-se tão comovido que, quando Jesus seguia o seu caminho, correu após Ele, e ajoelhando-se-Lhe aos pés, dirigiu com sinceri-



dade e fervor a pergunta tão importante para a sua alma e para toda a criatura humana: «Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?» (O Desejado de Todas as Nações, pág. 386).

Por toda a parte se ouvem, hoje, mais do que nunca, as mais desencontradas e dispareas perguntas.

Nota-se, de uma maneira geral, um desejo insofrido de saber, de conhecer, de perscrutar.

De resto, o próprio meio ambiental é de molde a favorecer esta atmosfera de buscas contínuas.

Basta recordar a quantidade infinda de literatura infantil espalhada por toda a parte e oferecida à curiosidade inata das crianças de tudo quererem saber!

Ora, quanto mais a criança for descobrindo e aprendendo, tanto mais desejará saber e conhecer. Deste modo, sentir-se-á cada vez mais atraída para a conquista de novos conhecimentos, de novas técnicas, sempre num movimento ascendente de curiosidade insaciável.

É a pergunta que se ouve, continuamente, quase se pode dizer, a toda a hora: «Que hei-de fazer?»

Efectivamente, o que ouvimos, sem cessar são estas e outras perguntas do mesmo quilate: Que hei-de fazer para conseguir um bom emprego? Que hei-de fazer para ser promovido? Que farei para ser atendido? Que farei para ser bem visto? Que farei para dar nas vistas? Que farei para que se lembrem de mim? Que farei para humilhar o meu rival? Que farei para triunfar?... E um nunca acabar de perguntas perpassa, sem cessar na vida destes nossos tempos.

Há, porém, uma outra pergunta que raramente fazemos e também raramente ouvimos pronunciar. É precisamente a pergunta daquele jovem judeu, rico, influente, curioso, insatisfeito e de certas qualidades, que se entusiasmou com o que Jesus dizia e fizera.

«Que bem farei, para conseguir a vida eterna?» (Mateus 19:16).

Aquele jovem, tão rico e já tão herdado, porventura de pingues heranças, ansiava receber uma outra herança, esta, porém, de natureza muito diferente das heranças terrestres.

É é tanto mais para surpreender tal pergunta feita por um jovem, se nos recordarmos de que era rico, muito rico e prestigiado.

Mas a verdade é que ele desejava tanto as riquezas terrenas como a herança celestial.

Pretendia nada menos dois paraísos: um nesta terra, com as suas riquezas e o outro, na outra vida!

«Falta-te uma coisa — acrescentou Jesus às belas respostas do jovem — Se queres ser perfeito, vai vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me. Jesus leu no coração daquele jovem. Uma só coisa lhe faltava, mas tal coisa era um princípio vital. Carecia do amor de Deus na alma. Tal falta, se não fosse reparada, ser-lhe-ia fatal; toda a sua natureza se corromperia. Com a condescendência, fortalecer-se-ia o egoísmo. Para que recebesse o amor de Deus, deveria ser subjugado o seu supremo amor do próprio eu.» (O Desejado, pág. 387).

Afinal, de pouco ou nada servia àquele jovem a vontade que parecia ter de encontrar o caminho para a herança celestial.

É certo, certíssimo que desejava também alcançar a herança celestial, uma vez que já conseguira fartas e pinges heranças terrenas.

Mas a herança celestial não se alcança senão seguindo a Jesus.

É curioso notar que o manuscrito Alexandrino e algumas versões, às palavras «segue-me» acrescentam «levando a cruz».

Ora é precisamente o que nos diz o Espírito de Profecia neste passo:

«Jesus submeteu este jovem a uma prova. Chamou-o a escolher entre o tesouro celestial e a grandeza humana. Era-lhe assegurado o tesouro celestial, no caso de seguir a Jesus, devia, porém, render o próprio eu; devia entregar a vontade à direcção de Jesus. Fora-lhe oferecida a própria santidade de Deus. Tinha o privilégio de se tornar filho de Deus e co-herdeiro de Jesus, no tesouro celestial. Mas devia tomar a cruz, e seguir o Salvador na vereda da abnegação.» (O Desejado, pág. 387).

Aquele jovem tão rico e tão influente desprezou o chamado divino, que não mais voltou a repetir-se para ele. Passara a hora da graça preciosíssima da vocação, que ele menosprezou.

Nestes tempos em que a juventude se encontra desvairada como que solicitada por impulsos contra-

EDITORIAL

Prezados Irmãos:

O 10.º Acampamento dos M. V.

Exames

Aqui saudamos os nossos Jovens que se encontram no 10.º Acampamento dos M. V.

Para eles vão estas linhas amigas e calorosas desejando-lhes as melhores bênçãos de Deus com as melhores bênçãos materiais colhidas nos saudáveis ares de Salir do Porto.

É de esperar que os briosos M.V. possam apresentar uma sugestiva reportagem fotográfica das actividades do Acampamento, que irão documentar a descrição dos belos dias que ali passaram e que será publicada no próximo número da nossa *Revista Adventista*.

Temos de dar muitas graças a Deus pelas bênçãos que tão visivelmente tem derramado sobre os nossos estudantes, permitindo-lhes que possam fazer os seus exames sem complicações de maior.

Queira Deus que todos os nossos jovens estudantes que tiveram de prestar as suas provas, tenham obtido bons resultados.

A todos aqueles que viram realizados com felicidade os resultados do seu trabalho escolar endereçamos os nossos parabéns, extensivos a seus pais e familiares.

Férias

Estamos em pleno mês de férias. Mas, como já temos salientado inúmeras vezes, são férias para as actividades materiais, corpóreas, férias estas absolutamente necessárias.

Mas para a alma, para a vida espiritual não pode haver férias. Por isso temos de prosseguir, sempre, nos nossos exercícios devocionais: devoção matinal, estudo diário da Bíblia, das lições da Escola Sabatina, assim como na prática das obras de caridade.

Recordemos, mais uma vez, que é esta a boa oportunidade para estudar e meditar os livros da Irmã White. Não nos esqueçamos de registar as actividades da Escola Sabatina para as podermos relatar, quando recomeçarmos a vida ordinária nas nossas igrejas.

A. Casaca

ditórios, é só a voz amorosa do Salvador que poderá reconduzi-la ao bom caminho.

«Vem e segue-me» está agora mesmo dizendo o Salvador a cada um dos nossos jovens.

Escrevemos estas linhas com o pensamento nos nossos jovens de todas as nossas igrejas; pensámos, especialmente, no Acampamento dos M. V. onde estou certo que aquele mesmo amoroso convite do Salvador «Vem e segue-me» será dirigido a todos os nossos jovens.

Ali, no 10.º Acampamento na quietude da natureza que permite contemplar as belezas da criação e delas elevarmo-nos até à infinita perfeição de Deus, aquela mesma voz do Salvador dizendo: «Vem e segue-me» assume um significado todo especial.

E quem é Jesus, quem é o nosso Salvador?

Recapitulemos, rapidamente, as grandes características do nosso Salvador.

Jesus é o Criador e Conservador do Universo.

Quando nos convida a segui-LO é o mesmo que dizer que O acompanhásemos, quando esteve neste mundo, corporalmente, há perto de dois mil anos.

Teremos, portanto, de acompanhar a Jesus, durante os seis primeiros dias da semana, dias de trabalho, consciencioso e digno, e, finalmente, no Sétimo

Dia, iríamos com Jesus guardar o Seu Santo Dia de repouso, tal como Ele sempre fez e faz.

Seguindo a Jesus, é claro que não poderemos entrar em determinados recintos, em determinadas casas, nem frequentar determinadas reuniões.

Jesus não o faria; se vamos com Ele, também não o faremos.

Jesus tinha sempre a bondade de um sorriso, de um olhar, de um gesto para todos aqueles que sofriam e se encontravam em qualquer necessidade.

Se vamos com Jesus, também nós teremos de ser amáveis, gentis, generosos, numa palavra: também temos de amar o nosso próximo, não apenas por palavras, mas por obras.

Prezados Jovens!

Jesus estende a cada um de vós aquele mesmo convite que dirigiu ao jovem rico e influente: «Vem e segue-me».

Quem de nós vai perder esta tão bela oportunidade de responder ao apelo do nosso Salvador?

Responde, dilecto jovem, pronta e entusiásticamente, ao convite do Salvador: «Eis-me aqui, Senhor», pois só assim receberás aquela rica herança celestial, que o jovem rico desprezou.

Martinho Lutero

F. G. Mendes

Responsável pelo maior movimento de ideias dos tempos modernos, Lutero teve e tem, como é de prever, amigos e inimigos, discípulos e desafectos, admiradores e detractores. Livros em enorme quantidade têm sido escritos sobre ele, sua obra e suas ideias. Autores evangélicos, católicos e materialistas têm porfiado em interpretar a sua vida.

I — *Vida de Lutero*

Nasceu Martinho Lutero na cidade alemã de Eisleben, em 10 de Novembro de 1483. Filho de pais pobres, teve Lutero que empreender grande luta para estudar. Garoto ainda, saía pelas ruas de Eisenach cantando, a fim de obter o necessário para o seu sustento. Foi justamente assim que impressionou uma senhora de recursos, Úrsula Cotta, que resolveu tomá-lo sob a sua protecção. Aos 18 anos, atendendo aos desejos paternos, ingressou Lutero na Universidade de Erfurt, a fim de estudar leis. Em 1505, aos 22 anos, formou-se. Uma brilhante carreira se abria diante dele, pois havia sido excelente estudante. Mas uma preocupação interior muito grande o dominava. Sentia tremendo pavor, às vezes, quando pensava na possibilidade de morrer: via o inferno abrir-se, ameaçador, para o receber. Uma série de incidentes, inclusive a morte de um amigo íntimo, concorrera para agravar essa crise interior. Que fazer? Lutero resolveu apelar para a solução que, infelizmente, muitos jovens ainda em nossos dias julgam ser a aconselhável para os

problemas espirituais: entrar para um convento. Em 17 de Julho de 1505 entrou, pois, Lutero para o convento agostiniano de Erfurt, em busca de paz para seu espírito atribulado. Os monges sujeitaram-no à mais severa disciplina. Mas os jejuns prolongados e as árduas penitências não o tranquilizavam. Ia verificando experimentalmente a ineficácia das obras quando não existe fé no coração. Um dia, lendo a Bíblia, encontrou o texto que lhe iria apontar o caminho da paz: «o justo viverá da fé», leu ele na epístola aos Galatas. Começou a fazer-se luz no seu espírito conturbado. Mas ainda alguma coisa lhe faltava para andar. Estava Lutero no convento quando foi fundada a Universidade de Wittemberg. Como a fama da capacidade intelectual de Lutero já começasse a ir além da cidade de Erfurt, foi ele convidado para reger uma das cátedras da novel Universidade. Estava no exercício de suas novas funções quando foi designado pela ordem dos Agostinhos para uma delicada missão: ir a Roma expor ao papa algumas pretensões da Ordem. Foi, mas voltou da chamada «cidade santa» com amarga desilusão. Entrou em contacto com a corte mundana de Leão X e na sua sinceridade custava-lhe compreender o verdadeiro paganismo em que viviam os sacerdotes, desde os cardeais aos simples padres, naquela cidade que ele julgava ser de facto santa, visto que era a sede do Catolicismo.

Voltando de Roma, Lutero resolveu entregar-se mais a sério ainda ao estudo da Bíblia e resolveu dar na Universidade cursos especiais

sobre ela aos estudantes. As suas aulas eram grandemente apreciadas e, embora ainda jovem, ia-se tornando conhecido em toda a Alemanha. Ensinando a palavra de Deus aos estudantes, estava, sem o imaginar, preparando o caminho para o grande movimento espiritual que dentro em pouco iria iniciar. Tinha Lutero 34 anos e não alimentava outros planos senão ser um bom professor de Universidade quando chegou à Alemanha outro frade, de nome João Tetzels, para a famosa cruzada das indulgências. Lutero protestou contra a maneira como os frades procediam e esse protesto foi a causa ocasional da Reforma. Falaremos sobre ele mais detidamente no ponto seguinte. Os acontecimentos então precipitaram-se. O protesto de Lutero foi em 31 de Outubro de 1517: os três anos seguintes foram de debates, viagens, contestações, até que o papa o excomungou, rompendo-se assim os últimos laços que o uniam à igreja de Roma. De 1520 em diante a preocupação de Lutero foi organizar uma nova igreja cristã que, se ativesse aos moldes do Novo Testamento. Não foi inteiramente bem sucedido no seu propósito. Cerca de 15 anos de hábito monástico deveriam deixar marcas em Lutero; mas o passo que deu foi enorme no sentido de fazer o Cristianismo voltar à pureza dos Evangelhos. Reagiu contra 12 séculos de corrupção, pois desde o 4.º século vinha o Cristianismo a ser corrompido sistematicamente. Mas voltemos à breve biografia que estamos procurando apresentar. Excomungado pelo papa, Lutero teve que comparecer em

1521 perante uma assembleia dos grandes do império germânico presidida pelo imperador Carlos V em pessoa. Diante dos príncipes e reis da terra o humilde frade deu um poderoso testemunho do poder do Evangelho. Cem anos antes, uma outra assembleia havia condenado à fogueira outro pregador do evangelho, João Huss. Bem quiseram fazer o mesmo com Lutero. A dieta de Worms condenou-o. O papa excomungara-o. As suas ideias já haviam lançado raízes no solo alemão. Muita gente se uniu a ele e foi impossível exterminá-lo.

Após a dieta de Worms deu Deus a Lutero mais 25 anos de vida. Sobre o que fez nesse quarto de século falaremos também no ponto seguinte. Aos 62 anos, em 18 de Fevereiro de 1546, na mesma cidade em que nascera, Lutero morreu. A sua última palavra foi um sim decidido em resposta a um amigo que lhe perguntava se, nos últimos instantes, confirmava tudo quanto havia ensinado em vida. Antes havia proferido as palavras imortais de João 3:16.

II — O rompimento de Lutero com Roma

Vimos no ponto anterior que estava Lutero na sua cátedra de Wittemberg quando apareceu na Alemanha João Tetzel pregando as indulgências. Expliquemos primeiro o que era isso. Ensina a igreja católica que existe um tesouro inesgotável de obras chamadas de super-rogação, isto é, as boas obras praticadas pelos santos e que excederam a quantia necessária para a salvação. Estão nesse tesouro também as boas obras de Jesus e da Virgem. Sendo a igreja depositária de tal tesouro, o papa pode valer-se dele para dar indulgências àqueles que pagarem ou cumprirem determinados preceitos e deveres que a igreja impõe. É a indulgência uma redução de pena que o pecador tem de pagar no purgatório católico. Exemplifiquemos: no fim de certas orações católicas está escrito «100 dias de indulgências aos que recitarem esta oração». Recite o fiel católico a referida oração todos os dias do ano e terá no fim 36 500

dias de abatimento na pena que tiver de cumprir no Purgatório... Podíamos dar outros exemplos mas este já é suficientemente edificante. Pois bem, em 1516, desejando o papa Leão X completar as obras da sumptuosa basílica de S. Pedro em Roma, e como as arcas do Vaticano estivessem quase vazias graças aos esbanjamentos do mesmo papa e de seus antecessores, resolveu valer-se do tesouro das obras de super-rogação, ordenando uma pregação de indulgências em grande escala. Como o império alemão era muito rico, para lá convergiram especialmente as atenções papais. Foi encarregado da propaganda o frade João Tetzel, que realizou a sua missão melhor que qualquer propagandista moderno. Lutero indignou-se e na noite de 31 de Outubro de 1517 afixou às portas da catedral de Wittemberg noventa e cinco teses em que condenava aquela prática. Nelas mostrava que a salvação seria obtida unicamente pela graça de Cristo. Não tinha rompido com Roma, mas em seguida foi forçado a isso. As suas teses tiveram divulgação ampla na Alemanha e na Europa. Campeões do catolicismo levantaram-se para contestar Lutero. O papa enviou-lhe mensageiros convidando-o a uma reatuação. Todos esses movimentos levaram o monge revoltado a firmar-se cada vez mais na sua resolução. Debates públicos levaram-no a estudar mais ainda a organização católica. Quando, em 1520, o papa resolveu excomungá-lo, Lutero já havia rompido toda a ligação com Roma e esforçava-se por construir algo.

III — A obra de Lutero

Como dissemos anteriormente, Lutero foi um trabalhador infatigável. Para se ter uma ideia do que fez, basta dizer que as suas obras, na primeira edição alemã, impressas em tipo miúdo, somam sessenta e sete volumes, sem contar com trinta e três volumes escritos em latim. Mas o que escreveu é pouco ao lado do que disse e fez. Foi um

dos mais extraordinários e poderosos pregadores de todos os tempos e um dos homens de mais surpreendente capacidade de trabalho que jamais tem vivido. Nós, homens de hoje, precisaríamos de dez vidas para fazer o que Lutero fez em 25 anos, após o seu rompimento com Roma. Um dos mais famosos trabalhos de Lutero é a sua tradução da Bíblia para o alemão. É uma obra admirável, que muitos consideram o marco inicial da literatura alemã. Pôs assim a palavra de Deus na língua do povo para que todos pudessem lê-la. Deixou assim a Bíblia de ser o «livro desconhecido» em que a Igreja Católica o transformara durante a Idade Média.

IV — Conclusão

Foi universal a influência de Lutero. Depois dele e por causa dele o mundo ficou diferente. A Igreja Católica deixou de exercer a grande influência que teve durante a Idade Média, que Michelet chamou uma «idade de trevas», em que a civilização ficou uns 1000 anos marcando passo. Pensando bem, até a própria Igreja Católica deve alguma coisa a Lutero. Quando o grande reformador estava nos seus últimos anos, a Igreja começou a movimentar-se para a realização de um concílio, o famoso Concílio de Trento, convocado exactamente com propósitos de Reforma. Parece que Roma percebeu que o povo fugia dela e desejou fazer algo que o retivesse. Infelizmente o Concílio obstinou-se em manter as doutrinas erradas da igreja e a sua influência limitou-se, apenas, à correcção dos costumes até então dissolutos do clero. Após o Concílio de Trento, Roma não viu, por exemplo, papas imorais como Alexandre VI, o Bórgia de triste memória. Pelo menos nisto, Roma melhorou. E deve-se, em última análise, a Lutero...

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

Ainda não se desvaneceram as lembranças acerca do voo espacial de John Gleen, o famoso astronauta americano.

Como já tivemos oportunidade de dizer — pormenor que escapou à grande e pequena imprensa, porquê?... — Gleen, no próprio dia em que foi lançado para o espaço, foi assistir a um acto de culto na sua igreja evangélica.

Talvez se pense que a ida de Gleen ao culto, naquele dia, tenha sido ocasionada pelo facto de ir ser lançado, daí a poucas horas, no espaço!...

Mas, se soubermos que o astronauta frequenta, regularmente, a sua igreja, assistindo habitualmente aos cultos, talvez se possa dizer que não foi um simples acto de impetrar a protecção divina, mas sim a

De facto, em tal situação, parece-nos que nós mesmos também seríamos capazes de rezar, lembrando-nos do nosso Criador, num tão solene momento da nossa vida.

Pois nada disto aconteceu. Gleen declarou, terminantemente, que em pleno voo não orou.

Parece incrível; mas compreende-se, perfeitamente, e há que dar razão ao cosmonauta heróico e crente.

Ouçamos as suas declarações a este respeito:

«Toda a minha atenção estava concentrada nos comandos da nave. A fé não é uma bomba de apagar incêndios, ao menos para mim. Não é um recurso do qual lancemos mão apenas nos momentos de aflicção ou de perigo para, uma vez passado o risco, tornarmos a colocar Deus na cruz, como se nada fosse.

Se Gleen, antes de iniciar o seu voo, ergueu o seu pensamento a Deus, como sempre faz, antes de qualquer acção, pedindo-lhe o seu auxílio e protecção, compreendemos que, iniciada a viagem, se dedicasse, atenta e conscienciosamente, ao manejo dos comandos da nave espacial.

Pedira a Deus que o ajudasse; agora tinha que desempenhar cabalmente a sua tão importante e arriscada missão que exigia a máxima atenção.

Manipulando os aparelhos, prestando atenção aos instrumentos registadores, não há dúvida de que Gleen realizava uma verdadeira oração, porque, depois de ter pedido o auxílio de Deus, realizava o que tinha de realizar, com todo o ardor e consciência de quem cumpre o seu dever.

Uma oração em órbita?...

A. Casaca

afirmação da sua fé, em todos os actos da sua vida quotidiana.

É que, criado o hábito de frequentar a igreja, sente-se, naturalmente, a necessidade de assistir aos actos de culto, não só em circunstâncias especiais da vida, mas sim todos os dias, tal como alimentamos o nosso corpo, assim temos de alimentar a nossa alma.

Houve quem dissesse que Gleen, em pleno voo, tivesse dirigido a Deus uma oração.

À primeira vista, parece que não há motivo para admiração, dado o sentimento religioso que anima o cosmonauta americano.

Parece até natural que assim tivesse sido; aqui teríamos assunto variado para largas considerações: o astronauta, lá tão alto, sentindo-se afastar da Terra e, por conseguinte, aproximar-se de Deus!...

Sei que muitas pessoas me atribuíram uma oração, em dada altura do voo, quando a verdade é que então não tive tempo senão para prestar atenção à nave. Há um certo número de anos que me considero em paz com o meu Criador e não sinto, portanto, preocupações especiais sobre o meu futuro restringido a tal curso. Procuro viver cada dia como se fosse o último da minha vida.»

Parece-nos que estas últimas palavras podiam ser subscritas por qualquer crente, verdadeiramente consciente da sua fé, da sua crença, vivida e prática.

Não há dúvida que para muitos crentes, infelizmente, a fé é uma simples «bomba de apagar incêndios» no dizer tão expressivo de John Gleen, que se coloca a um canto logo que o perigo passou.

Alguém lhe perguntou se ele, lá em cima, sentia Deus como aqui na Terra, Gleen respondeu:

«Absolutamente. Parece-me um disparate limitar a presença de Deus a determinadas secções do espaço, onde quer que seja. Eu não conheço a natureza de Deus melhor do que outro ser humano qualquer. Não posso ter tal pretensão só pelo facto de ter dado uma volta pelo espaço, um pouco acima da atmosfera. Deus é muitíssimo maior do que tudo isso, e sê-lo-á sempre por muito longe que nós chegemos.»

O voo de Gleen confirma os crentes no poder divino e eficácia da oração, assim como na grande verdade de que a santidade não consiste em efectuar coisas portentosas, mas sim no cumprimento dos deveres pessoais, feito com amor, cuidado e união com Deus e com o nosso Divino Salvador.

A IGREJA REMANESCENTE

Lemos no livro do profeta Amós que «certamente o Senhor não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas.» Amós 3:7.

A palavra «segredo» é traduzida do termo hebraico «sod» que significa «deliberação tomada em conselho», e neste caso, o conselho de Deus. Portanto, Deus não executará os Seus decretos, ou deliberações, referentes a este mundo, sem ter primeiro avisado os interessados, ou seja os indivíduos e as nações.

Foi assim que sucedeu com o mundo antediluviano. Do meio da grande apostasia geral, Deus chamou a Noé e encarregou-o de proclamar a mensagem do dilúvio durante 120 anos. E o dilúvio não veio sem que primeiro o mundo tivesse sido avisado.

O mesmo aconteceu com a saída do povo de Israel do Egípto. Deus havia anteriormente anunciado a Abraão que essa saída só se daria 430 anos depois do princípio das suas peregrinações, ao sair de Ur dos Caldeus, e foi precisamente na data indicada que se cumpriu a profecia.

Como lemos: «E aconteceu que, passados os quatrocentos e trinta anos, *naquela* mesmo dia, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egípto» (Êxo. 12:41).

E por intermédio de quem? No seu devido tempo, Deus chamou a Moisés, por quem executou o Seu plano anteriormente anunciado *sem falhar um dia*.

Verificamos igualmente, através dos séculos, que foi sempre esse o procedimento de Deus para com os homens, fazendo anunciar o surgimento e queda dos impérios, a deportação do Seu povo para as terras do cativo e seu regresso, e, especialmente à vinda do Messias, indicando o tempo e os principais acontecimentos relacionados com a vida do Salvador.

E agora perguntamos: quanto à segunda vinda de Cristo? Será esse acontecimento, em relação aos outros, tão pouco importante, que não necessite da obra dum profeta? Vai

o mundo ser destruído sem primeiro ter sido avisado, e a igreja permanecer na ignorância e incerteza a seu respeito? Não encontrará Cristo o Seu povo avisado e preparado pelo Espírito de profecia para O receber? Sem dúvida alguma que Deus é o mesmo hoje, e também os Seus processos são os mesmos.

Verificamos precisamente que no fim dos 2300 anos, no «tempo do fim», da profecia do profeta Daniel (8:14), ou seja no fim do ano 1844, Deus também chamou alguém e esse alguém foi a Sr.^a Ellen White, a quem Deus confiou a Sua última e solene mensagem de reforma, misericórdia e advertência a este mundo rebelde, e, quer os homens queiram quer não, a sua vasta obra está lá para o testificar.

Assim como outrora Moisés, para provar ao seu povo que Deus o enviara, lhe fora concedido o poder de operar milagres superiores aos dos magos que agiam pelos demônios, assim, nos nossos dias, Ellen White provou a autenticidade do seu chamado divino pela natureza sobrenatural das suas visões. Puderam-se verificar serem elas perfeitamente idênticas às dos profetas da Bíblia, quer na ausência absoluta de respiração durante as visões, embora elas se prolongassem, por vezes, durante horas seguidas, e ao mesmo tempo falando em voz alta; quer no absoluto alheamento ao que se passava em torno de si, além doutros fenómenos sobrenaturais.

Também a sua mensagem, livre das tradições humanas, em perfeita harmonia com o que está escrito na Palavra de Deus, responde integralmente à seguinte regra bíblica fundamental: «A Lei e o Testemunho!»

O Movimento Adventista do Sétimo Dia apareceu justamente no tempo devido e foi organizado segundo as instruções do Espírito de profecia, manifestado nestes últimos tempos nas visões de Ellen White, e está indubitavelmente cumprido a profecia como *igreja remanescente*, podendo ser reconhecida pelas características seguintes:

1. Guarda os Mandamentos de Deus, e, particularmente, o mandamento que ordena a santificação do Sábado de Deus, o Sétimo Dia da Semana, o memorial da Criação, que a igreja abandonou, profana e fez esquecer, e responde religiosamente à admoestação de Deus dirigida aos nossos dias, dizendo: «Se desviares o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no *Meu Santo Dia* e se chamares ao Sábado deleitoso, e *Santo Dia do Senhor*, digno de honra e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor.» «Bem-aventurado o homem que fizer isto e o filho do homem que lançar mão disto, e *se guarda de profanar o Sábado*» (Is. 58:13, 14; 56:2).

2. Tem consigo o Espírito de profecia, conforme está escrito: «Guardam os Mandamentos de Deus, e têm o Testemunho de Jesus Cristo... porque o Testemunho de Jesus é o Espírito de profecia» (Apoc. 12:17; 19:10).

3. Proclama em todo o mundo a iminência de volta de Cristo, sendo, portanto, a sua obra de carácter mundial, de harmonia com a declaração profética do Salvador, registrada em Mat. 24:14.

4. Anuncia e ensina em todo o mundo o Evangelho Eterno, tal como fora dado pelo seu fundador, livre de todas as inovações humanas e isto «aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação, a tribo, e língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória; *porque vinda é a hora do Seu juízo*. E adorai Aquele que fez o céu e a Terra e o mar e as fontes das águas» (Apoc. 14:6,7).

5. Particularmente, adverte os homens da parte de Deus contra a substituição do Sinal de Deus (o Sábado: Ezeq. 30:20) pelo sinal da besta (o dia estabelecido em seu lugar pela autoridade humana) e que, embora esclarecidos, os homens teimarão impor finalmente à humanidade (Apoc. 13:16, 17), sendo esta a solene advertência: «Se alguém adorar a besta e a sua ima-

(Continua na pág. 24)

O Sábado e a Comunidade de Qumram

Muito se tem escrito à cerca deste agrupamento, cujas ruínas foram começadas a escavar no Outono de 1951. Destes trabalhos resultou chegar-se à conclusão que teria sido habitada durante o 1.º século A.C. até ao ano 70 D.C. Esta conclusão foi confirmada pelo aparecimento de moedas dos anos 5 a 68 D.C. Pretende-se ao mesmo tempo identificar este grupo como pertencendo aos essénios.

A valiosa biblioteca que pertenceu a esta comunidade, e que foi posta a salvo nas grutas perto do Mar Morto, aquando da ocupação romana, trouxe até nós elementos valiosos, tanto pelos exemplares antiquíssimos dos livros Sagrados, como de outra literatura diversa.

Em Outubro de 1959, na Revista Brotéria, num artigo assinado por J. Vaz de Carvalho e intitulado — Os manuscritos do Mar Morto, lê-se a pág. 309:

«igualmente se verificaram analogias entre os usos cristãos e essénios na liturgia da semana. A celebração do Domingo...»

Logo nos chamou a atenção esta afirmação sobre a celebração do Domingo, quando é certo que, naquele tempo, estávamos ainda muito longe da mudança que se operaria mais tarde.

Desejamos, pois, apresentar algumas transcrições sobre este assunto: o descanso sabático.

«Os essénios eram muito afeiçoados às observâncias legais. Eram neste aspecto ainda mais meticulosos do que os fariseus. Assim a observância: interdição não somente de trabalhar, mas até de falar de trabalho (Regra da Comunidade X, 19); interdição de dar um passeio de mais de 1000 côvados (500 metros) (Idem X, 21); interdição de preparar qualquer comida (Idem X, 22); interdição de remover pedras ou terra (XI, 100)» Manuscritos do Mar Morto», pág. 80, de Jean Daniélou, tradução de Maria Margarida e José Domingos Moraes, Livraria Editora, Lisboa, 1959.

«A Lei de Moisés era aureolada por uma profunda veneração e sem cessar estudada, sobretudo o dia de sábado que eles observavam com mais rigor que os Judeus em geral. — Pág. 59, *Les manuscrits du désert de Juda*, por G. Vernés, editado por Desclé e Cie., 1954, 2.ª edição.

«Prescrições particulares: repouso sabático (G.J. 47):

Eles se interdizem também, o mais rigorosamente entre todos os judeus, de estar ocupado nalguma coisa no 7.º Dia: não somente prepararam a sua alimentação na véspera, de maneira a não acenderem lume naquele dia, mas ainda não ousam deslocar qualquer objecto nem mesmo satisfazer outras ne-

7. A. MORGADO

cessidades.» Pág. 111; *Les manuscrits de la Mer Morte*, par E. M. Laperronsaz, Press Universitaire de France, n.º 953, 1961.

Mesmo nos manuscritos não Bíblicos o Sábado é frequentemente mencionado sendo os seus membros estritos observadores do Sábado.

«Um rolo que menciona o Sábado mais frequentemente do que todos os outros é o documento Zadokita. Este documento estabelece que o Sábado é uma instituição dada por Deus. Explicitamente proíbe qualquer trabalho neste dia, e contém várias regras para a sua verdadeira observação. Em particular proíbe: usar palavras baixas, falar em assuntos de negócios, comer alguma coisa que não foi preparada, enviar estrangeiros para negociar, abrir um vaso selado, ajudar os animais a nascer, provocar criados ou escravos, levar alguma oferta que não seja a regular do Sábado. *The Zadokite Document (of the sabbath — X, 14 — XI, 18) in the Scriptures of Dead Sea*, por Theodor Gaster, London, 1957.

Uma carta escrita por Bar Cochebe, que foi dirigente da revolta contra os Romanos e descoberta entre outros documentos em 1952, contém interessantes referências ao Sábado, e demonstra como mesmo nessa altura, de opressão romana, o povo continuava fiel. — *Da Review and Herald*, de 11 de Maio de 1961, do artigo — Evidências da observância do Sábado entre os antigos Judeus.

Sociedade dos M.V. de Espinho

Na noite de 16 de Junho os Jovens M.V. de Espinho realizaram com uma boa assistência a sua «Festa das Mães».

Embora tarde, não quiseram deixar passar esta bela oportunidade de manifestar às suas queridas mães a sua gratidão pelo muito que lhes devem.

Agradecemos a todos os Jovens a sua colaboração e em particular ao Director deste departamento, Ir. Pedro Fernandes e sua Esposa, pelo seu grande esforço na realização desta simpática festa.

Este mesmo Irmão teve a bela ideia da realização de um pequeno acampamento dos M.V. na Barrinha de Esmoriz. Aproveitando o feriado de 21 de Junho, os nossos Jovens, e alguns irmãos e amigos, ali passaram um maravilhoso fim de semana em feliz espírito de confraternização.

No dia 23 a Escola Sabatina e o Culto foram feitos no pinhal da Barrinha onde, pela paz e sossego que ali reinavam, nos parecia estar mais perto de Deus.

No Domingo, 24, após o banho da tarde, chegou o momento de levantar as tendas, levando connosco a saudade dos bons dias ali passados, e o desejo de uma nova oportunidade de restaurar as nossas forças em contacto com as maravilhas da natureza que o Senhor nos concedeu.

Pela Igreja de Espinho

A Secretária

Noémia Abella

«E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, — assim será também a vinda do Filho do Homem.» (Mat. 24:37, 38).

A história de Noé e do dilúvio, aprendemo-la de nossos pais quando éramos crianças. Na época de Noé, estava o mundo ainda na infância, mas sob o ponto de vista do vício, já era adulto. Os homens

começou a construir, em terra firme, esta vasta embarcação, vieram de todos os lados ver o que ele estava fazendo e escutavam as palavras impressionantes deste pregoeiro da penitência.

Mas os incrédulos daquele tempo diziam: «Não se inquietem; Deus nunca destruirá o mundo que Ele fez, nem os homens que Ele criou. As leis da natureza há já séculos que não se modificam, e as estações sucedem-se regularmente. De onde viria tanta água para cobrir toda a terra? Bem vêem que é impossível! Portanto, não dêem ouvidos a esse exaltado idiota!» E as-

este fenómeno da natureza. E, todavia, esta mesma impressão de pressa se apagou no espírito da multidão e com ela a única probabilidade de salvação.

Nisto, Noé e sua família entraram também na arca, cuja porta foi fechada pelo próprio Deus. Nuvens espessas começaram a desfazer-se em chuvas torrenciais; abriram-se os abismos, de onde a água saía escachoando. Rebentou uma tempestade de violência temerosa. O terror dos homens e dos animais foi indescritível. Em vão procuravam refúgio nas árvores, nas colinas e nos montes. Morreram todos nas águas.

E qual foi, em resumo, a causa deste desastre no tempo de Noé? Foi a incredulidade, incredulidade obstinada e absurda; incredulidade que recusava escutar os apelos de Deus.

E em nossos dias, acaso se passam as coisas de modo diferente no mundo? Porventura não procedem os homens do nosso tempo do mesmo modo que os ante-diluvianos? Acaso os pensamentos dos homens de hoje não estão todos

Noé e seus dias...

passavam o seu tempo entregando-se aos prazeres sensuais. A iniquidade e a maldade eram praticadas às claras, e a justiça calcada a pés; dificilmente se encontrariam bons pensamentos no coração dos homens. A perversidade era grande e as lamentações dos oprimidos chegavam até ao céu. Descrevendo este facto diz a Palavra de Deus: «E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicará sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só má continuamente». (Gen. 6:5).

Então disse Deus: «Destruirei, de sobre a fase da terra, o homem que criei...» (Verso 7, p.p.). No meio desta geração má e adúltera Deus encontrou o homem, de nome Noé, que vivia rectamente, a quem mais tarde S. Pedro chamava «Pregoeiro da justiça». (II Ped. 2:5). E porque achou graça aos olhos do Senhor, recebeu ordem de prevenir os homens e de lhes dizer que se não se arrependessem e não renunciassem à sua vida de pecado, o Senhor os destruiria por meio de um dilúvio. Deus bem quis usar de paciência pelo espaço de 120 anos, e durante esse tempo, Noé foi encarregado de construir uma arca na qual ele devia entrar com sua família, em dia determinado; meio pelo qual se salvaria da destruição que então viria sobre os transgressores impenitentes. Logo que ele

sim foi que os apelos de Deus, através dos avisos de Noé, foram tratados com desprezo e incredulidade. Aqueles que ao princípio pareciam um tanto atemorizados, foram tranquilizados por este palavriado profano, tanto mais que muitos anos decorreram sem tra-

A vinda de Jesus e seus dias

7. 7. Laranjeira

zerem a menor mudança à natureza. Continuaram por conseguinte no meio de festas e a viver em orgias; comiam, bebiam, edificavam e plantavam, faziam projectos para o futuro, entranhavam-se cada vez mais na sua impiedade.

Eis que finalmente a arca ficou pronta. Uma vez mais, Noé falou solenemente ao povo, suplicando-lhe que pensasse na sua salvação enquanto ainda era tempo. Mas só recebeu em resposta às suas palavras, zombarias e injúrias. Os sarcasmos, porém, cessaram subitamente. Animais de toda a espécie, desde os mais ferozes aos mais mansos, saíram dos bosques e das florestas dirigindo-se para a arca. Aves vinham de todas as direcções e umas e outros iam entrando para a arca sem atropelamentos; sem haver alguém que pudesse explicar

concentrados em assuntos de comércio, de construções e de cultura? Porventura não têm todos o amor do lucro e não procuram os prazeres dos sentidos: comendo, bebendo, plantando, edificando, vivendo com aparência de piedade mas negando a eficácia dela?!

Entretanto, como nos dias de Noé, Deus ainda não abandonou o mundo. Ele também o chama à conversão. Como nos dias de Noé há hoje no mundo os «pregoeiros da justiça» avisando os homens de que se não se arrependem, receberão o castigo de Deus através da última destruição. Deus hoje adverte os homens através das Sagradas Escrituras, de diversos sinais, de acontecimentos, etc., pois é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam,

(Continua na pág. 23)

Baptismos

O Sábado 28 de Abril foi um dia de grande festa espiritual para a Igreja de Canelas.

Este Sábado foi assinalado pela presença de grande número de visitas que juntamente com os membros da Igreja enchem completamente a Casa de Deus.

Após a Escola Sabatina teve lugar o culto solene no qual foi celebrada a Ceia do Senhor que decorreu num ambiente de elevação espiritual.

Pelas 16 horas teve lugar uma sessão baptismal.

No culto dos baptismos tomou a palavra o Director da União irmão Pastor Armando Casaca.

O exame dos candidatos foi feito pelo irmão Baião, Pastor da Igreja do Porto.

Foi com muita alegria e gozo espiritual que a Congregação uniu as suas vozes às dos Anjos louvando a Deus pelas cinco preciosas almas que consagram as suas vidas a Deus pelo testemunho dado pelo baptismo.

No apelo dirigido às visitas pelo irmão Pastor Casaca para se entregarem a Jesus foi com grande regozijo que vimos 32 almas atenderem ao chamado do Senhor, levantando-se e vindo à frente em sinal de entrega das suas vidas ao Senhor. O irmão Pastor Casaca fez a oração de consagração destas almas a Deus. Neste número encontram-se 8 interessados da Igreja de Espinho.

A presença e colaboração dos irmãos Pastores Casaca e Baião muito contribuíram para dar mais brilho a esta cerimónia a quem por isso queremos expressar toda a gratidão.

Campanha das Missões

Constituiu um verdadeiro êxito esta Campanha Missionária. Sob a boa direcção do irmão José Ferreira, director missionário, toda a Juventude, irmãos e até visitas, se lançaram ao trabalho possuídos de grande zelo e espírito missionário, conseguindo alcançar rapidamente o alvo, dispondo como território, apenas de algumas freguesias do concelho de Gaia.

NOTÍCIAS

Muito reconhecido quero expressar a minha gratidão a todos os nossos irmãos, jovens e visitas pela sua boa vontade e zelo em trabalhar nesta Campanha que levou a semente da verdade a muitas almas e em que mais de sete mil escudos foram angariados para continuar a Obra Missionária nas Províncias Ultramarinas do nosso querido Portugal.

Casamento

No dia 6 de Maio realizou-se no Templo Adventista de Canelas o casamento dos Jovens Maria Almira Coelho e Joaquim Soares das Neves.

Com as nossas felicitações desejamos aos nossos simpáticos noivos as maiores felicidades e venturas e a paz do Senhor no seu novo Lar.

Festa das Mães

Teve lugar no dia 27 de Maio a comovedora e simpática festa de homenagem às Mães.

Com o Templo repleto de irmãos e visitas pudemos apreciar um belo programa de recitações e cânticos levado a efeito pela Juventude e que muito agradou a toda a assistência.

Muito obrigado à Direcção dos M.V. bem como a todos os Jovens que com a sua boa vontade sempre manifestada nos deliciaram com mais um belo programa.

De Avintes

Campanha das Missões

Mais uma vez os nossos irmãos de Avintes puseram à prova o seu grande zelo missionário e dedicação pela Obra do Mestre pois em poucas semanas foi atingido o alvo superior a quatro mil escudos.

Pelo entusiasmo e boa vontade manifestada pelos nossos irmãos e Jovens, quero, através desta notícia, manifestar toda a minha gratidão.

Festa das Mães

No dia 2 de Junho teve lugar na Igreja de Avintes a festa de homenagem às nossas queridas Mães.

A sala de Congregação apresentava um belo efeito com as lindas flores que as mãos carinhosas das nossas irmãs foram apanhar e colocaram na Casa do Senhor dando uma alegre nota de beleza e encanto.

A assistência que enchia o salão apreciou o lindo programa apresentado pela Juventude que agradeceu a todos.

Deram também a sua colaboração o irmão Pastor Baião, alguns jovens do Porto e de Canelas.

Muito gratos estamos a todos quantos contribuíram para levar a efeito esta enternecedora festa das Mães.

Semana de Oração dos M. V. em Mungulúni

Realizámos a Semana de Oração dos M. V. no prazo que nos foi designado por voto de comité local, isto é, de 28 de Abril a 5 de Maio, com programas especiais organizados, aqui, na Missão.

A Semana dos M. V. teve lugar ao mesmo tempo na Missão e nas catequeses e filiais e, pelo que observei e pelo relatório dos pastores, podemos dizer que foi uma semana de vitórias.

Durante a semana, houve reuniões todos os dias, sempre com boa assistência não só composta pelos alunos, mas também pelos membros da Igreja e visitas.

Na Sexta-feira, foi feita uma reunião especial de testemunhos, em que muitos jovens se levantaram do seu lugar e foram à frente dar o seu testemunho de gratidão a Deus. No último Sábado, depois da leitura e comentário, foi feito um apelo de consagração e constatámos que todos ou quase todos os jovens presentes se levantaram e vieram à

DO CAMPO

frente para se associarem à oração de consagração.

Durante a semana, vários jovens vieram apresentar os seus problemas espirituais e procurámos ajudá-los a resolver, na medida do possível.

Deus abençoou grandemente esta semana dos jovens e como resultados práticos desta Semana de Oração podemos apontar: aumento de frequência às classes baptismais e classes de ouvintes, aumento de frequência nas escolas tanto da Missão como nas catequeses e ainda aumentou a assistência à Igreja.

Que Deus continue aabençoar grandemente a nossa juventude que constitui, por assim dizer, a força viva da Igreja, e que nos ajude a orientá-la de maneira a ser uma luz brilhante no meio das trevas do mundo, são os votos de

Joaquim Nunes Ramos

Baptismos em Angra do Heroísmo

Angra, 17-6-62.

«Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principais contra as potestades, contra os principados das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais». Efésios 6:12.

Na verdade quantas lutas e peripécias da vida temos de vencer para podermos arrancar às fileiras do inimigo almas para Jesus. Satanás é teimoso e luta até ao fim para as segurar; mas consideramos que é um inimigo vencido e que Jesus nosso Comandante jamais nos deixará cair em suas malhas e ardis, pois como diz o Salmo 37:4, «O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra», nós persistimos sempre e os frutos vão-se colhendo pouco a pouco.

Desde longos meses vimos fazendo estudos bíblicos em três classes baptismais simultâneas e muito distantes umas das outras, procurando as ovelhas perdidas de Israel e no desejo de engrandecer a nossa querida Igreja. O Senhor recompensou-nos com tão grande

alegria de podermos sepultar nas águas Baptismais, cinco preciosas almas numa festa inolvidável que jamais se apagará da memória de quantos a presenciaram, pois todos estavam sumamente contentes e de tal forma o manifestaram que dos olhos de muitos brotaram lágrimas; muitas visitas estavam connosco e pela primeira vez observaram as três cerimónias «Lava pés» «Santa Ceia» e Baptismos. Tiveram pois ocasião de ver a verdade bíblica e consequentemente da Igreja Adventista. Mas para que esta festa se realizasse, tivemos de lutar até ao último momento contra muitas adversidades e ataques do maligno.

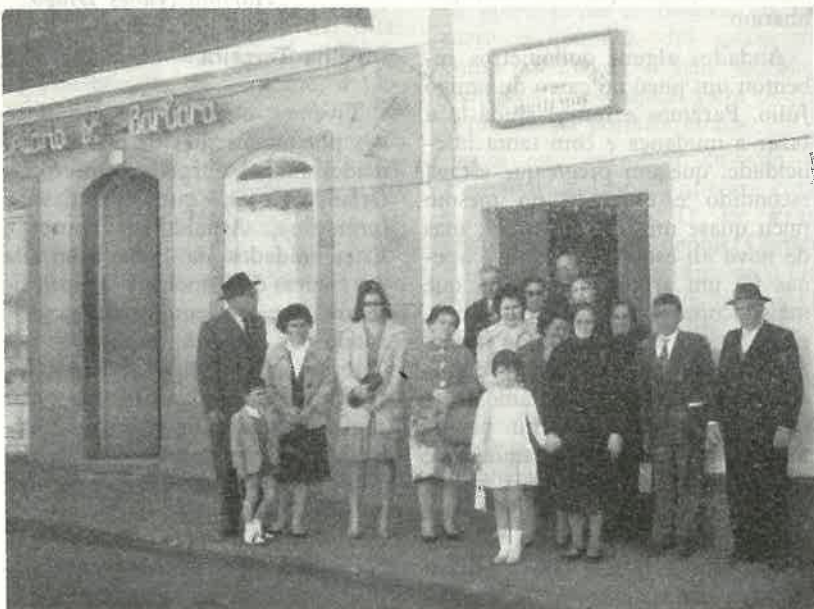
Oito dias antes dos nossos baptismos levantou-se uma polémica tão grande no lar de um casal de candidatos que chegámos a ver os nossos esforços de meses absolutamente baldados; pois parecia iminente a separação, e afinal por uma coisa mínima, a que o diabo soube dar vulto; mas a Mão do Senhor ajudou-nos e deu-nos ousadia e força tais que no fim de uma luta de horas, sempre com a Espada do Espírito na mão, terminámos ami-

gos e as orações de congratulação que fizemos eu e minha mulher, estando todos de joelhos, fizeram arrancar lágrimas aos nossos irmãos e logo ficou assente a decisão do baptismo; considero esta uma grande derrota do inimigo.

A poucos dias do baptismo também, um jovem que é muito fervoroso, sentiu-se fortemente desanimado porque uma sobrinhinha a quem muito amava, faleceu; tão desanimado estava que notámos nele uma indiferença pelo baptismo; as nossas orações subiram continuamente ao alto e o Senhor ouviu-nos e também ao jovem, pois este se reanimou e decidiu desde logo que o Sábado, dia 16, seria o dia grande, de entrega total a Deus.

Também com o outro casal se meteu, pois lhe proporcionou trabalho vantajoso precisamente nos Sábados anteriores ao grande acto, pelo que não pôde estar connosco para receber as bênçãos que Deus dá aos seus filhos nesse dia. Mas de novo O Senhor esteve connosco, pois permitiu que sempre estivesse nos estudos e a decisão fez-se com muita alegria.

Chegou o dia almejado; parecia que um peso de toneladas estava sobre os nossos ombros; digo nossos, porque a minha mulher tem sido uma boa ajudadora e sente também a mesma responsabilidade



Grupo de crentes à porta da sala de culto em Angra

e peso tal como eu sinto; por isto também dou muitas graças a Deus. Seguimos para as Lages, Fontinhas e Aeroporto buscar os futuros irmãos; acompanhou-nos com o seu carro o senhor Júlio Oliveira, grande simpatizante; passando pelas Fontinhas chegámos às Lages debaixo de intenso nevoeiro e dia chuvoso; parece que até os elementos estavam também contra nós porque tinha havido uns dias tão lindos, e afinal agora estava um dia tão tristonho, precisamente quando desejávamos muito Sol; soubemos de várias pessoas que estavam prontos a assistir e não o fizeram devido à chuva que caía. Tomei os irmãos das Lages e nesse momento quando se fechava a porta do carro o candidato Luís Pereira Cabral entalou os dedos nela e se não fora mais uma vez a mão do Senhor se ter manifestado, sem dúvida teriam ficado esmagados e pelo menos este casal não teria descido às águas baptismas; quando íamos em andamento a porta do carro abriu-se no momento em que passava uma furgoneta e por um triz não tivemos um desastre, que agora desconhecemos as proporções; de novo sentimos a mão do Senhor.

Aprontou-se a caravana que nos levaria a Angra, com todos os irmãos que puderam caber nos carros, que iam superlotados ainda com algumas visitas que nos acompanharam.

Andados alguns quilómetros rebentou um pneu no carro do amigo Júlio. Parámos e fomos ajudá-lo a fazer a mudança e com tanta infelicidade, que um prego que estava escondido e espetado no mesmo pneu quase me furava a mão; mas de novo ali estava o Senhor e apenas fiz um arranhão na mão, que mais incomodava o sangue que brotava, do que a gravidade da ferida. Ainda estávamos a uns 16 quilómetros de Angra e pensámos que mais haveria até lá? Em pensamento oramos todo o caminho, e constatámos que este foi o último ataque do inimigo, que depois nos deixou em paz, e jubilosos tivemos a nossa festa. A sala estava repleta de pessoas e tudo muito bem enfeitado e limpo. As cerimónias sucederam-se umas às outras com

agrado de todos e julgamos que também do Senhor e Seus anjos; existia ali uma atmosfera agradável. Precisamente momentos antes da cerimónia se efectuar, pois que foi feita ao ar livre, a chuva parou e se bem que não houvesse Sol, havia calor suficiente para os irmãos não recearem o frio da água. Assim findou um dia de lutas e canseiras com inexcusável alegria.

Os nossos irmãos deixaram os seus pecados enterrados na água, e eu deixei lá também o peso de toneladas que pesava sobre os meus ombros. Entretanto um outro peso se vai formando já até alcançar o resto do alvo a que nos propusemos. Estamos certos de que as dificuldades não cessaram, enquanto estivermos revestidos desta pele de pecado elas nos assediarão sempre, o Senhor mesmo nos avisou em S. João 16:33 «No Mundo tereis aflições...» Mas S. Paulo anima-nos com estas palavras de Rom. 8:18 «Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há-de ser revelada». Isto equivale a dizer que a vitória será nossa, e anima-nos a lutar com forças e vontade redobradas. Lutemos pois irmãos e no fim da batalha receberemos os louros dessa vitória que Jesus nos ajudou a ganhar.

Vosso irmão em Jesus Cristo

Adelino Nunes Diogo

Da Ilha Terceira

Tivemos o prazer de ter entre nós por alguns dias os nossos estimados amigos e irmãos colportores, Orlando Costa, (que comandava a formação), Arnaldo e Loureiro. Estes soldados da linha avançada das fileiras do Príncipe Emanuel, fizeram um excelente trabalho deixando nas mãos do público muitos livros e revistas.

Tive oportunidade de trabalhar com o prezado amigo e irmão Orlando Costa na disseminação da página impressa nas freguesias em volta da Ilha, onde obtivemos algumas experiências interessantes. Na Cidade porém fomos mais infelizes, visto eu ser muito conhecido no meio; as pessoas aqui são de tal ordem que embora reconheçam que

a Revista é excelente (e este foi o caso dum professor) logo voltou a devolvê-la pois segundo disse fora informado de que estava condenada, pois uma Senhora andara pressurosa a avisar, de que eu era Adventista; portanto já a Revista (que antes era muito boa) agora não prestava. Contudo, fizeram-se para cima de uma centena de assinaturas e venderam-se também muitos livros dos quais alguns a sacerdotes, pelo que pedimos a Deus que possam servir de bem para os seus possuidores. Os dois irmãos Arnaldo e Loureiro, tiveram oportunidade de nos ajudar numa manhã na Campanha, o que bastou para verificarem a nossa grande dificuldade para obter o alvo, pois que trabalharam com a «Saúde e Lar» e mesmo assim se lhes depararam pessoas desconfiadas que até diabos lhes chamaram.

Na realidade a dificuldade é imensa; podemos assegurar que 90 % conhecem a *Revista das Missões*, e creio bem que uns 50 % se lhes déssemos a Revista e ainda \$500 para a aceitarem a recusariam. Por vezes aparece alguém que tem boa vontade de ajudar mas fazem-no com a recomendação de não receberem a Revista. Soubemos de um cavalheiro que levou uma Revista para casa; pois a esposa tratou-o mal porque a encontrou numa algibeira e de tal ordem o fez e com tanta má criação que o marido teve de lhe dar pancada para a coisa ficar por ali. Mas isto não é tudo. Alguns sacerdotes anunciaram nas suas igrejas que não comprassem literatura a ninguém (ainda que fosse católica, e com a aprovação eclesiástica) a menos que essa pessoa exhibisse um papel seu ou então que anunciasse na igreja quem era a pessoa que ia vender; mas que o melhor era comprarem a ele porque tem lá muitas revistas e livros para quem quiser comprar.

Isto aconteceu na freguesia das Fontinhas aonde vamos dar estudos a uma família que se está a preparar para o baptismo, não sem dificuldades também, pois no seu meio já houve dissensão por causa da Palavra de Deus. Foi nesta freguesia que conseguimos a importante quantia de \$50 que alguém deu,

mais com dó de nós do que outra coisa. Era ver as pessoas a espreitarem-nos por onde quer que passávamos; parecia que estavam amedrontadas!... Isto só visto, só contado haverá quem não acredite!

Este é o belo trabalho do inimigo, que só se empenha na cegueira das almas porque quanto mais cegos houver mais ele se governa; infelizmente as pessoas deixam-se cair na sua ratoeira. Mas se Deus é por nós, quem será contra nós, diz S. Paulo. Pois bem não desanimamos; já temos metade do alvo alcançado (O Leão está meio morto), em breve morrerá de vez, porque estamos certos de que o Senhor não nos desampará. Confiamos inteiramente na Sua protecção.

Só a muita oração nos ajudará pelo que pedimos também as vossas orações em favor do nosso trabalho, na certeza de que um dia vos agradeceremos, quando nos encontrarmos no Reino dos Céus e nos for revelado quanto as nossas orações fizeram.

A vitória será nossa e será completa; isso temos por certo pois o Senhor não nos desampara nunca. Seja dada glória e honra ao Senhor nosso Deus a quem servimos de coração com alegria e satisfação.

Vosso irmão em Jesus

Adelino Nunes Diogo

Ilha Terceira — Ilha de Jesus Cristo

O Movimento Adventista nesta Ilha tem a sua história, e é também a história da Ilha bastante movimentada, mas digna de ser considerada.

A cidade de Angra, nome derivado de «Âncora», «Refúgio», fazem-nos pensar nas armadas vindas do Oriente e Brasil, que ali se refugiavam e acolhiam dos piratas, tendo a bravura dos defensores dado origem ao resto do nome da cidade: «Heroísmo».

Outras peijas se deram em vários locais da Ilha, tais como «Praia da Victória», reduto dos Liberais e a célebre peija perto do Porto Judeu, em que os principais protagonistas foram os touros. Talvez daí as tradicionais corridas à corda, tão populares na época da primavera.



Os nossos Irmãos da Terceira com o Obreiro e esposa

No campo religioso conta esta Ilha uma história interessante:

Em princípios de 1840 o Vice-Cônsul Britânico em Angra do Heroísmo, ofereceu ao Administrador local ou Governador Civil, conselheiro José Silvestre Ribeiro, uns exemplares da Bíblia da edição Pereira de Figueiredo, publicada pela Sociedade Bíblica de Londres e a oferta era feita em nome da dita Sociedade, para serem distribuídos gratuitamente por pessoas pobres, na Ilha.

Conhecendo a origem das ditas Bíblias e temendo incorrer em alguma censura do Governo, o Governador Civil oficiou ao Administrador Geral do Ministério do Reino, em 22 de Março de 1840, participando o acontecido e pedindo instruções sobre o procedimento que deveria adoptar.

Em portaria de 15 de Abril do mesmo ano comunicou o Ministro do Reino — Rodrigo da Fonseca Magalhães — ao conselheiro José Silvestre Ribeiro, que Sua Magestade a Rainha determinara, pelo Ministério da Fazenda ao director da Alfândega de Angra de Heroísmo, que permitisse o despacho, livre de direitos, das Bíblias oferecidas pelo Vice-Cônsul Britânico, um exemplar dos quais devia ser enviado ao Governo, por ele, Administrador Geral, logo que as rece-

besse, para que depois de conhecido «que não era edição contrafeita, e nada continha contra a moral pública, resolvesse Sua Magestade, como houvesse por bem, sobre a distribuição e modo de realizar-se».

Esta Portaria acha-se registada sob o n.º 2.213, no Livro III da Contadoria, existente no arquivo do Ministério do Reino.

Em ofício de 3 de Janeiro de 1942, anunciou o Administrador Geral que o Vice-Cônsul acabava de entregar-lhe as Bíblias, em número de oitenta, das quais, em cumprimento da ordem recebida, remetia um exemplar, para os fins expressos na portaria citada.

Foi esse exemplar enviado ao Patriarca de Lisboa, que era então o Arcebispo eleito, D. Fr. Francisco de S. Luís, depois Cardeal Saraiva, para que informasse o Governo acerca da genuidade do texto e da conveniência ou inconveniência que haveria em proceder à distribuição oficial.

Recebido o parecer desta eminentemente autoridade da Igreja, foi o assunto resolvido definitivamente pela seguinte portaria, expedida pela repartição de Instrução Pública:

«Ministério do Reino. — 4.ª Repartição. N.º 331. Livro VII. Sendo presentes a Sua Magestade a

Rainha, os officios do Administrador Geral de Angra de Heroísmo de 22 de Março de 1840 e 3 de Janeiro de 1842, sobre os exemplares da Sagrada Bíblia, que para serem distribuídos naquele distrito, lhe haviam sido entregues pelo Vice-Cônsul Inglês, da parte da Sociedade Bíblica de Londres:

E considerando a mesma Augusta Senhora, que o exemplar que veio remetido a este Ministério, contém textualmente a versão dos Livros Sagrados do Antigo e Novo Testamento, feita pelo Padre António Pereira de Figueiredo, sobre a vulgata Latina aprovada pela Igreja: Há por bem, conformando-se com o parecer do Patriarca Arcebispo Eleito, permitir que os mencionados exemplares da Sagrada Bíblia, que forem da dita edição, sejam distribuídos gratuitamente às pessoas pobres, que mais cuidado e zelo tiverem de a ler, para com isso se conseguir maior proveito da sua instrução moral e religiosa. O que se participa ao Governador Civil de Angra, para que assim o execute. — Paço das Necessidades, em 17 de Outubro de 1842 — António Bernardo da Costa Cabral.»

Num artigo do jornal da Terceira, «O Angrense», n.º 322, de 8 de Dezembro de 1842, encontrase a notícia de como o conselheiro José Silvestre Ribeiro deu cumprimento à ordem recebida do Governo:

«A Bíblia. — Pelo Governo Civil deste Distrito foram nestes últimos dias distribuídas aos Professores de Instrução Primária e Secundária três Bíblias, uma para si, e duas para dois dos seus educandos dos mais pobres, e que mais aptidão tenham desenvolvido. Estas Bíblias são um oferecimento que a Sociedade Bíblica de Londres fez a S. Ex.^a o Governador Civil, para assim se espalhar nesta Ilha um Livro Sagrado do Cristianismo. Convocou S. Ex.^a ao palácio todos os mestres que ensinam ou por conta do Estado, ou particular, e aí, fazendo-lhes conhecer dextramente o precioso deste Código das Divinas Escrituras, teve lugar a distribuição, mandando depois um a cada mestra de meninas que há nesta ci-

dade. Geral tem sido o desejo de ler e possuir este livro, tanto que, se milhares de exemplares houvesse, todos se distribuiriam; e constanos que por isso S. Ex.^a pediu ao Ilm.^o Vice-Cônsul Britânico para empregar seus bons officios para que seja entregue outra porção de Bíblias, a fim de serem distribuídas a pessoas pobres. Certo estamos que o Vice-Cônsul não deixará de interessar-se pelo bom resultado desta rogativa, pois, segundo nos informam, acaba de afiançar que vai tratar dessa incumbência.»

Ainda hoje encontramos algumas dessas Bíblias, que nessa época circularam tão livre e interessadamente naquela Ilha.

A pregação da Mensagem Adventista começou em Angra.

O Irmão Joaquim Vasco, então colportor, foi àquela Ilha no seu serviço, mas tudo quanto se sabe é que não conseguiu interessar mais ninguém a não ser a sua falecida Esposa e Família, que algum tempo depois levou para o Continente.

Mas temos agora uma história interessante:

O Irmão José Mendes de Sousa tinha regressado, havia pouco, da América, onde tinha ido arranjar o seu pecúlio para a velhice, mas tinha lá sido influenciado pelo protestantismo. Um dia appareceu em sua casa um colportor evangélico de nome Gouveia, que vendeu uma Bíblia e lhe deu um folheto que falava dos Mandamentos.

Dava também alguns estudos em casa do Ir. Mendes de Sousa às pessoas que lá se reuniam.

Em Janeiro de 1936, chegou a Angra o colportor Adventista João de Freitas, ido de S. Miguel, que logo começou a reunir-se também em casa do Ir. Mendes de Sousa, com o colportor Evangélico.

Pouco a pouco aumentou a intimidade, mas o Ir. Mendes de Sousa notava que o colportor Adventista falava pouco e parecia não concordar com os estudos do colportor Evangélico e um dia que o Ir. Freitas foi a sua casa por causa dumas contas e duma direcção, o Ir. Mendes de Sousa disse-lhe a queima-roupa:

— Há mais de 100 religiões, qual será a verdadeira?

— A que guardar os Mandamentos! — disse o Irmão Freitas.

— Todos? — disse o Ir. Mendes de Sousa.

— Sim, todos — disse o colportor.

— Mesmo o Sábado?

— Sim, mesmo o Sábado — disse o colportor.

Deste diálogo nasceu uma série de estudos Bíblicos sobre a doutrina Adventista, sendo convidado a assistir o Ir. João Gualberto da Silveira, conhecido do Ir. Mendes de Sousa, o Ir. Fernando Faria e depois o Ir. José Valente Quental.

Em Março de 1936, o Pastor Mansell visita a Terceira, certamente elucidado sobre o interesse ali despertado, pelo Irmão colportor Freitas, permanecendo naquela Ilha alguns dias.

Continuaram os estudos, agora em casa do Ir. Gualberto da Silveira, que já então era uma Escola Sabatina, decorrendo cerca de seis anos, até que em Ponta Delgada, na Sede, o Pastor Mansell é substituído pelo Pastor Lourinho, e em 14 de Agosto de 1942 chega à Terceira, para fixar residência, o Pastor Samuel Reis e Esposa, sendo baptizados no dia 30 de Agosto do mesmo ano três Famílias: Irmãos: José Mendes de Sousa e Esposa; Irmãos: João Gualberto da Silveira e Esposa; e Irmãos: Fernando Medeiros Faria e Esposa.

Foi officiante o Pastor Lourinho e nesse mesmo dia celebraram a comunhão e foi inaugurada a actual sala de cultos, no n.º 14 da Rua 5 d'Outubro.

A Revista Adventista de Julho-Dezembro de 1942, pág. 27, traz a fotografia destes primeiros irmãos da Terceira.

O Pastor Lourinho, num artigo desse mesmo número, refere-se a certa reacção dum jornal local, o que devia ter contribuído para aumentar a popularidade da Igreja recém-formada.

Lages — Terceira

Motivado por alguns conhecimentos dos irmãos de Angra e de para ali ter ido residir a Família Medeiros de Faria, pode mesmo di-

Mais uma grande descoberta da Arqueologia que vem contribuir para estudarmos, meditarmos e amarmos, cada vez mais, esse maravilhoso Livro, a Bíblia, que é a Palavra de Deus.

Uma expedição americana descobriu o altar kannanita de Betel, que data de há 4500 anos.

Era neste altar que se imolavam animais. Nas pedras brancas do altar ainda são visíveis as manchas de sangue dos animais sacrificados.

O director do Departamento de Antiguidades da Jordânia declarou que a descoberta coroou os esforços dos arqueólogos da Escola Americana de Pesquisas Orientais, instalada em Jerusalém, e do Seminário Teológico de Pittsburgh.

Como se sabe, Betel foi a cidade kannanita onde viveram os patriarcas Abraão e Jacob. No lugar onde outrora se erguia, fica agora situada a aldeia de Beitin, próximo de Jerusalém.

A linguagem eloquente da Arqueologia

A. Casaca

Sobre o altar foram encontradas as ruínas de um velho templo. Algumas paredes do monumento estão praticamente intactas, e reconhece-se um pórtico virado a Nascente.

O director do Departamento de Antiguidades da Jordânia, Dr. Awni Dajani, declarou que Betel foi destruída pelos egípcios no ano de 1550 A.C. quando aquele povo escorraçou os hicsos do Egipto e da Palestina.

Durante um século, a cidade permaneceu em ruínas, mas voltou a ser reconstruída e adquiriu as dimensões e importância que tivera anteriormente.

Cerca do ano 1200 A.C. Josué conquistou-a.

Notam-se indícios do incêndio que então provocou.

A cidade foi reconstruída, mais uma vez, e há muitos testemunhos, a seu respeito, da civilização bizantina.

Demos graças a Deus que nos concede, larga e eficientemente, todos os meios necessários para podermos não só radicar, sempre mais, a nossa fé, como também para podermos refutar os ataques daqueles que em nome de uma falsa ciência procuram confundir os crentes filhos de Deus.

É bem verdade a conhecida expressão: «A pouca ciência afasta de Deus, mas a muita ciência conduz a Deus».

zer-se que desde o princípio ali se fizeram cultos.

Em 1948 o Pastor Lourinho é convidado pelo Capelão Americano, Evangélico, das Lajes (Base Americana), a fazer algumas conferências na Capela da Base, sendo os seus títulos os seguintes:

Domingo — A Bíblia

Segunda — Maravilhas do Século XX

Terça — Uma Mensagem vinda das estrelas.

Estas conferências foram acompanhadas de projecções, sendo o convite impresso em Português e Inglês.

Actualmente temos uma sala, cedida pelo Irmão Manuel da Costa Simão, natural e baptizado na Ilha de S. Miguel, mas ali residente há alguns anos. Esta sala é fora da área da Base Americana e num bairro um tanto populoso mas fora do acesso da Vila da Praia da Vitória e outros povoados anexos e tudo nos leva a crer que, se tivéssemos sabido aproveitar as oportunidades, teríamos uma Igreja na Praia da

Vitória, sendo que outras denominações se nos antecederam já.

O grupo de irmãos ali conta uns 9 membros e algumas visitas, algumas das quais serão em breve membros da Igreja.

Faz-se presentemente a Escola Sabatina no Sábado de tarde e um culto, a seguir e estudos Bíblicos noutra localidade próxima: Ribeirinha, onde se reúnem numa casa particular algumas pessoas que estão bastante interessadas no Evangelho.

Santa Bárbara — Terceira

Nesta localidade, na direcção Oeste, vive uma Família baptizada em 20 de Outubro de 1950, composta de três pessoas, que têm tido sérias provocações na sua vida e sido provada a sua Fé, em casa dos quais se fizeram cultos, mas mais de carácter particular, visto o povo do lugar não ter dado manifestações de interesse algum, sendo mesmo algumas vezes agressivo.

Por esse motivo não encontramos grande interesse para os prezados leitores, mais pormenores sobre este lugar.

Foram os seguintes os Pastores que trabalharam nesta Ilha: Samuel Reis, Lutero Simões, Manuel Lourinho, João Esteves, Raul de Menezes, Vítor Martins, J. J. Laranjeira, António Baião e presentemente Adelino Diogo.

A Igreja de Angra foi Sede da Missão dos Açores, de 1948-1952, sob a direcção dos Pastores Lourinho e Esteves, voltando sob a direcção deste último para Ponta Delgada.

A Igreja da Terceira conta actualmente 55 membros, alguns dos quais se encontram fora da Ilha, sendo a emigração a causa do reduzido número que ali se encontra.

A cidade de Angra, cujas armas da cidade são: Jesus Cristo crucificado, cruz em vermelho em campo de prata com dois açores, um de cada lado, são certamente motivos suficientes para nos estimular a trabalhar e rogarmos aos prezados leitores que orem por nós e pelas almas que ainda não fazem parte dos que esperam a bendita volta do Senhor Jesus Cristo.

Como tratar com as visitas? Eis uma pergunta que tem surgido muitas vezes dentro de nós mesmos, e para a qual nem sempre encontramos uma resposta concreta; no entanto, temos lido e ouvido conselhos que visam preparar-nos para bem desempenhar essa missão, como membros da Igreja junto das pessoas que não pertencendo à mesma, nos visitam e com quem depois entramos em contacto.

Qual é, portanto, a parte que compete a cada um como membro da Igreja, em relação a uma visita? O seu papel pode ser diminuto às vezes, mais importante outras, mas sempre de responsabilidade!

Uma visita pode ser uma pessoa que entrou já em contacto com algum membro de igreja e que vem assistir a um culto, que nos visita através de um simples convite, ou ainda alguém que ocasionalmente passou e decidiu entrar para ou-

que estão mais perto é que devem tomar uma atitude emprestando o hinário ou mostrando na sua Bíblia as passagens que são lidas durante o culto».

Qualquer destas afirmações contém a sua parte de verdade. Mas... somente estes terão influência na impressão que essa pessoa levará? Não! Todos, mas todos, têm a sua parte! Dirá alguém: «Como, se eu estava sentado nos bancos da frente e nem sabia que na sala havia uma visita?!».

Como todos sabem, aquilo que se vê grava-se mais facilmente do que aquilo que se ouve. Ora uma visita é impressionada não só pelo culto, pelos hinos e música, pela atitude das pessoas que estão mais próximas, mas ainda pela de toda a Congregação; ora se um membro durante o culto fala com o Irmão que está junto dele, se se preocupa em fazer festinhas ao bebé de ou-

Nem sempre se tem feito tudo nesse sentido; muito há ainda que aperfeiçoar, pois nem todos têm compreendido o seu verdadeiro papel.

Falemos ainda que muito sumariamente num outro aspecto. Como tratar com as visitas fora da Igreja? Poderíamos focar vários factores importantes, mas resumirei apenas numa simples frase «a atitude coerente de alguém que já aceitou a Cristo e deseja dar a conhecer aos que o rodeiam a luz do Evangelho».

«Vós sois a luz do mundo», disse o Salvador, e acrescentou «não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire...»

Sim, na medida em que a luz de Deus brilhar em nós, na medida em que a nossa humanidade estiver unida à natureza divina é que a nossa atitude será positiva ou ne-

Como tratar com as visitas

Rita Daniel Mota

vir e... ver. Essa pessoa levará consigo uma impressão que perdurará muito tempo; quem sabe mesmo se para sempre na sua memória. Há muitas maneiras pelas quais nós podemos contribuir para que uma visita se sinta bem entre nós e para que a Palavra de Deus possa tocar no seu coração.

Se a visita é nossa convidada, a nossa influência será mais directa e cumpre-nos manifestar-lhe toda a atenção e regozijo por ter respondido ao convite; há, porém, uma atitude que se deve evitar: procurar explicar durante o culto as palavras do Pastor ou comentá-las; isso é algo a fazer depois.

Dirão alguns: «Quem tem mais responsabilidade é o Pastor, pois ele é quem dirige o culto»; outros dirão: «os diáconos é que devem conduzir as pessoas e recebê-las quando elas entram»; e talvez ainda outros acrescentem: «Os Irmãos

tro, ou aproveita para cumprimentar efusivamente alguém que já não via há muito, a sua atitude inconscientemente pode ferir a sensibilidade da pessoa que entrou pela primeira ou primeiras vezes e que espera encontrar toda a reverência naquela casa, que ela sabe ser um Templo.

O dever de cada membro dentro da Igreja é, pois, manter uma atitude coerente de um verdadeiro cristão.

Por outro lado não devemos esperar que sejam os outros que nós julgamos mais responsáveis, a tomar qualquer atitude. Podemos fazer sempre a nossa parte. Se não nos foi possível ficar junto dessa pessoa podemos procurar contacto com ela, às vezes por um simples sorriso, ou por uma palavra que demonstre não ter passado despercebida a sua presença junto de nós.

Cada palavra, cada acto, é uma semente que mais cedo ou mais tarde produzirá o seu fruto. Os actos mais do que as palavras produzirão uma influência decisiva e assim cada um estará contribuindo para a salvação ou perdição dos que o rodeiam.

«Se a glória do Senhor nasceu sobre o vosso espírito, se tendes contemplado a beleza d'Aquele que traz a bandeira entre dez mil e é totalmente desejável; se a vossa alma se tornou radiante em presença da Sua glória são-vos dirigidas estas palavras do Mestre: «Abençoar-te-ei... e tu serás uma bênção» (Pensamentos s. Sermão da Mont.).

Procuremos, Irmãos, aprender de Jesus, roguemos tacto e sabedoria do alto para tão difícil e honrosa missão e podemos confiar que o Senhor no-la concederá.